



EDITORIAL

O compromisso do IOC na cooperação Brasil-África

A cooperação com países africanos para o aprimoramento de estruturas de saúde pública já é um compromisso da Fiocruz, sobretudo na relação com países de língua portuguesa. A colaboração na transferência de tecnologia para a instalação da produção de imunobiológicos e a constituição de escolas de saúde pública são exemplos desta iniciativa, que ajuda a reestruturar o fragilizado sistema de saúde destes países.

Cada vez mais, o IOC assume esta tradição solidária. A principal contribuição do Instituto consistirá na formação de recursos humanos para o desenvolvimento de laboratórios de referência e/ou de vigilância em saúde – um setor em que os parceiros africanos são muito carentes e no qual o IOC tem larga e reconhecida experiência. A proposta para a criação de um mestrado profissional em saúde pública e em ciências da saúde que atenda as demandas dos países africanos está sendo gestada pela VPEIC, ENSP, Escola Politécnica e IOC. Apresentada pela Presidência da Fiocruz em encontros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e da Associação Internacional de Institutos de Saúde Pública, a proposta teve ampla aceitação e gerou grande expectativa.

O primeiro representante permanente do Brasil na CPLP, Lauro Moreira, virá à Fiocruz no próximo dia 7 para conhecer as propostas da Fundação. Esperamos que, assim, ganhemos mais um interlocutor nesta estratégia de ajuda. A Coordenação de Cooperação do IOC destaca neste contexto o empenho de Wilson Savino, Márcio Bóia, Maria de Fátima Cruz e Mariza Conde no desenho desta participação.

Tania Araújo-Jorge e Claude Pirmez

Cooperação estuda fluxo migratório de vetor da doença de Chagas



Um convênio entre o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e a Universidade de Valencia, na Espanha, promete aprimorar o conhecimento sobre a transmissão da doença de Chagas. Firmada entre o Laboratório de Sistemática Bioquímica do IOC e a universidade espanhola, a parceria utilizará ferramentas moleculares desenvolvidas em ambas as unidades de pesquisa para estudar a genética populacional de vetores da doença, com ênfase em barbeiros das espécies *Triatoma rubrovaria* e *Triatoma sordida*. A iniciativa é coordenada no Brasil por Raquel da Silva Pacheco, chefe

do Laboratório de Sistemática Bioquímica do IOC, e na Espanha pela farmacêutica Maria Dolores Bargues.

Além de fornecer novos dados sobre o fluxo gênico dos vetores, o convênio corroborou resultados produzidos por uma pesquisa realizada em cooperação pelo Laboratório de Sistemática e Bioquímica e a Coleção Entomológica do IOC. O estudo analisou barbeiros do mesmo gênero em duas regiões do Rio Grande do Sul, com a proposta de rastrear a rota migratória dos vetores. O convênio hispânico-brasileiro pretende expandir este estudo inicial.

Recurso da medicina popular é alvo de pesquisa científica

Um cogumelo utilizado popularmente para o tratamento de feridas começa a ser estudado pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC). O projeto será desenvolvido no Laboratório de Imunomodulação do IOC a partir da contribuição da pesquisadora Sônia Maria Neumann Cupolilo, atual chefe do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que estudará as propriedades do fungo durante a realização de seu pós-doutorado.

A idéia surgiu a partir da investigação de uma região ao sul de Minas Gerais onde lavradores do campo, distantes de assistência médica e submetidos a condições precárias de higiene, utilizam a espécie *Langermannia wahlbergii*, conhecida como Bufo, como curativo

biológico para o tratamento de feridas. “A sabedoria popular defende essa prática em detrimento de cuidados médicos tradicionais, como a sutura, em várias regiões do Brasil. Segundo relatos locais, o procedimento leva à interrupção instantânea do sangramento das feridas e acelera a cicatrização”, conta a pesquisadora, que realizou os projetos de mestrado e doutorado também no IOC.

Segundo Sônia, o objetivo é investigar cientificamente as propriedades cicatrizantes do Bufo e sua capacidade hemostática – ligada ao estancamento do sangramento – e a partir destas informações gerar diferentes linhas de pesquisa. Para iniciar o estudo, uma experiência em campo confirmou o poder cicatrizante do cogumelo.